

Cadernos SocioFilo

Volume I

Somos Bourdieusianos?



Introdução

Somos bourdieusianos? Sim e não. Como parte de um esforço conjunto para pensar com e contra Bourdieu, explorando uma posição pós-bourdieusiana que não seja antibourdieusiana, os artigos compilados neste primeiro volume dos *Cadernos SocioFilo* combinam, em proporções desiguais e segundo as orientações independentes de seus atores, a exegese detida, a avaliação crítica e a aplicação teórica e/ou empírica do pensamento sociológico de Pierre Bourdieu.

No primeiro texto, Frédéric Vandenberghe propõe uma reconstrução interna e uma crítica realista do “estruturalismo gerativo” de Bourdieu. Ao invés de iniciar com o conceito de *habitus*, como é feito normalmente, Vandenberghe busca reconstruir sistematicamente a teoria de Bourdieu por meio de uma análise da lógica relacional que permeia todo o seu trabalho. Rastreado a dívida que a abordagem de Bourdieu possui em relação ao racionalismo de Bachelard e ao relacionismo de Cassirer, ele examina criticamente seus escritos epistemológicos dos anos 1960 e 1970 à luz da guinada realista na filosofia das ciências naturais e sociais. O artigo mostra como as pressuposições epistemológicas de Bourdieu estão refletidas nos seus construtos teóricos fundamentais: “habitus” e “campo”. Por fim, a discussão é concretizada com uma análise das reinterpretações oferecidas por Bourdieu aos trabalhos de Weber, em sua teoria do campo religioso, e Mannheim, em sua teoria do campo científico.

No segundo artigo do volume, Gabriel Peters se debruça sobre a tentativa de superação da dicotomia subjetivismo/objetivismo na perspectiva praxiológica de Bourdieu, perspectiva cujo cerne é a relação dialética entre condutas individuais subjetivamente propelidas por disposições socialmente adquiridas e integradas em um *habitus*, de um lado, e estruturas objetivas ou “campos” de relações entre agentes diferencialmente posicionados e empoderados, de outro. A despeito de sua intenção de transcendência, a abordagem bourdieusiana tem sido retratada por críticos como uma versão sofisticada de neo-objetivismo e não como uma teoria sintética satisfatória da relação agência/estrutura. O trabalho de Peters avalia o sentido desta crítica, argumentando que ela é parcialmente justificada e defendendo a tese de que a principal fonte do neo-objetivismo na obra de Bourdieu deriva de sua ênfase, valiosa porém unilateral, sobre o caráter tácito ou “pré-reflexivo” da operação do *habitus*, a qual leva-o a uma teorização negligente quanto à significação relativa à agência da consciência

reflexiva do ator. Nesse sentido, além de apontar para “o objetivismo em última instância” da praxiologia estrutural de Bourdieu, o artigo visa contribuir para o diagnóstico preciso da relação entre esta inflexão neo-objetivista e o déficit de reflexividade presente em sua caracterização do agente leigo.

No terceiro artigo, de Tiago Pontes, a questão é deslocada. Não se trata mais de uma leitura interna e detida da obra de Bourdieu, mas, antes, da tentativa de criação de uma agenda de pesquisa que abarque tanto os desenvolvimentos críticos perpetrados por Bernard Lahire à obra de Bourdieu, por meio do refinamento da abordagem disposicional, quanto o conceito de reflexividade enquanto “conversação interior” tal qual extensamente trabalhado pela socióloga inglesa Margaret Archer. Assim, faz-se uma interessante articulação entre os dois “paradigmas teóricos” mediante uma leitura cruzada cujo intuito não é outro senão aproveitar as virtudes de ambos com vistas à superação de seus respectivos vícios. De um lado, e com Lahire, Pontes aceita a assunção de que os agentes carregam em si uma sedimentação de suas experiências sociais passadas, adquirindo por meio destas um patrimônio de disposições incorporadas. Por outro lado, de modo a não encerrar os indivíduos em um feixe de determinações circunscrito em heranças inculcadas, Pontes traz à tona a reflexividade e, com ela, as relações de auto-objetivação das quais podem os sujeitos sociais fazer uso de modo a ratificar ou retificar aquelas heranças disposicionais.

Em um plano mais geral, pode-se dizer que os dois primeiros textos são imanentes à obra do sociólogo francês, enquanto os último faz um exercício comparativo, cujo escopo é o de realçar determinados pontos da obra de Bourdieu. Em todo caso, esperamos que todos os três apresentem pistas e traços tanto para os que começam a se aventurar no universo bourdieusiano¹ quanto para os já iniciados que desejam experimentar novos caminhos possíveis. Afinal, a despeito das críticas e potenciais objeções (e também por causa delas), é inegável que a obra de Pierre Bourdieu hoje ocupa a posição de um clássico das ciências sociais e, nesse sentido, caracteriza-se por sua abertura inesgotável a novas possibilidades interpretativas. Seja como for, os textos aqui coligidos estão unidos não apenas por seu objeto (e Bourdieu, mais do que

¹ No que toca à escolha nada consensual do adjetivo, nos rendemos ao uso mais comum nas discussões anglo-saxônicas da sociologia de Bourdieu, lembrando, aos leitores que prefeririam ler “bourdianos” ou qualquer outra coisa (bourdieurianos, bourdieunianos, etc.), que uma dose a mais de prolixidade não deixa de soar como uma homenagem ao mestre.

qualquer outro, nos perdoará a linguagem objetivante), mas pela atitude intelectual que os anima, qual seja, o propósito de trilhar uma *via media* para além das alternativas igualmente simplistas e perniciosas da adoração acrítica e da ojeriza preguiçosa diante da obra bourdieusiana.

É nesse sentido que assumimos uma orientação específica quanto ao modo de se relacionar com a obra e o legado de Pierre Bourdieu. De um lado, contra os bourdiófobos, acreditamos que a reconstrução atenta do quadro teórico-metodológico de análise da vida social que Bourdieu diligentemente teceu e aplicou ao longo de toda a sua carreira impõe-se como o único modo de escapar às críticas teimosamente negligentes quanto à sutileza, à complexidade e à pertinência da sua sociologia para os saberes contemporâneos que pretendem dar conta de alguma dimensão do *socius*. Seja como for, há um conjunto de problemas expressos e tratados na obra do ex-professor do *Collège de France* dos quais a sociologia atual não pode se furtar ao enfrentamento, senão ao preço da assunção de um teorismo desleixado e inconseqüente frente às demandas mundanas dos agentes concretos. Partindo do pressuposto de que qualquer formulação de uma teoria das práticas sociais após Bourdieu dificilmente pode passar ao largo da tarefa de submeter, direta ou indiretamente, a um balanço crítico os aspectos positivos e negativos do legado socioteórico do mestre francês, advogamos a necessidade de um labor exegetico capaz de dar ensejo à crítica heurísticamente fecunda e intelectualmente responsável. Como é muito comum na teoria social, para sabermos em que sentido andar, temos antes de olhar para trás e compreender bem o caminho percorrido. Caso alguns alertem contra o perigo de tal argumento servir como uma racionalização da bourdiolatria, lembramos de antemão que estes esforços não obedecem a nenhuma pretensão de encorajar a transformação da praxiologia estrutural de Bourdieu em ortodoxia ou defender dogmaticamente seu “santo nome”, mas sim de continuar servindo a um ideal de crítica obediente ao velho e venerável preceito de que não se deve jogar fora pobres crianças juntamente com águas já impróprias para banho.

Por outro lado, e agora contra os fiéis da igreja bourdivina, vale dizer que, ainda que o sociólogo francês fosse, por vezes, irritantemente rabugento diante das apreciações críticas de seu trabalho, a fidelidade ao seu espírito, mais do que à sua letra, reclama que o leiamos seguindo o exemplo que ele mesmo oferece em seu trato intelectual das obras de Marx, Durkheim, Weber, Husserl, Lévi-Strauss e *tutti quanti*. Nesse sentido, os textos do presente volume constituem, novamente em medidas

variáveis conforme a orientação particular de cada escriba, parte de um esforço teórico-metodológico para pensar “com Bourdieu contra Bourdieu” (Corcuff) de modo a ir além de Bourdieu, no que já tem sido, de toda forma, a diretriz seguida por vários de seus críticos mais perspicazes, como Hans Herbert Kogler², Luc Boltanski³, Francis Chateauraynaud⁴ e Bernard Lahire⁵. Como disse um sábio filósofo grego, nascido (e aqui nossas associações mnemônicas espontâneas tendem a ser enganosas) muito depois de Cristo: “Honrar um pensador não é [apenas] elogiá-lo, nem mesmo [apenas] interpretá-lo, mas discutir sua obra, mantendo-o, dessa forma, vivo e demonstrando, em ato, que ele desafia o tempo e mantém sua relevância” (Castoriadis).

Boa leitura a todos!

Diogo Corrêa e Gabriel Peters

² KOGLER, Hans Herbert. (1997), “Alienation as epistemological source: reflexivity and social background after Mannheim and Bourdieu”. *Social Epistemology*, v. 11, n. 2, pp.297-320.

³ BOLTANSKI, Luc. (2009), *De la critique*. Précis de sociologie de l’émancipation, Paris, Gallimard.

⁴ CHATEAURAYNAUD, Francis (1991), *La faute professionnelle*. Une sociologie des conflits de responsabilité, Paris, Métailié.

⁵ LAHIRE, Bernard. (2002), *O homem plural: os determinantes da ação*. Petrópolis, Vozes.